



NO CADERNO

- Faça um resumo das características principais do gênero fábula – pág. 1
- Responda às questões de forma completa.

GÊNERO TEXTUAL - A FÁBULA CONTEMPORÂNEA:

Certamente, você conhece algumas narrativas curtas cujas personagens são animais e que terminam sempre com uma moral. Esse é o caso de histórias como “A raposa e as uvas”, “O leão e o rato”, “A cigarra e formiga” e “O lobo e o cordeiro”, entre outros. Todas são fábulas, um gênero narrativo que teve origem na tradição oral e existe a mais de 2.800 anos.

Embora muito antigas, as histórias que compõem as fábulas continuam a ser contadas e lidas ainda hoje, porque ensinam, alertam sobre algo que pode acontecer na vida real, criticam comportamentos, ironizam o ser humano.

Modernamente, a fábula tem servido como fonte de inspiração ou de recriação a muitos escritores contemporâneos, o que comprova a sua atualidade.

GRANDES FABULISTAS

- Esopo, que viveu na Grécia antiga, foi um dos primeiros cultivadores do gênero no Ocidente e o primeiro a registrar por escrito essas histórias.
- Jean La Fontaine, um poeta francês que conhecia muito bem a arte e as manifestações populares, foi responsável pela divulgação e reconhecimento das fábulas no Ocidente

(CEREJA, William Roberto; MAGALHÃES, Thereza Cochar. *Texto e interação*. São Paulo: Atual, 2013)

CARACTERÍSTICAS DA FÁBULA:

- Texto narrativo ficcional.
- Finalidade do gênero: ensinar, aconselhar, divertir, entreter.
- Tema: Valores, comportamentos humanos, relações de poder, esperteza, ganância, gratidão, bondade, ingenuidade – conteúdo crítico.
- Estrutura: Textos curtos. Às vezes, compostos por diálogos (discurso direto). Os personagens são, geralmente, animais (às vezes, plantas e objetos) que falam e agem como pessoas. As narrativas ocorrem sempre em lugares e tempos vagos e imprecisos, a fim de torná-las eternas e universais. É característico desse gênero, também, a apresentação de uma moral, isto é, uma frase que encerra o ensinamento. Ela pode vir explicitada no final às vezes em forma de provérbio.
- Linguagem: Culta, de acordo com a norma-padrão.
- Perfil dos interlocutores (leitores): Crianças, jovens e, eventualmente, adultos.
- Suporte: Além de ser transmitida oralmente, é divulgada em livros, jornais, revistas e sites da internet.

Leia, a seguir, uma fábula contemporânea, de autoria de Rubem Alves:

O SONHO DOS RATOS, por Rubem Alves

Era uma vez um bando de ratos que vivia no buraco do assoalho de uma casa velha. Havia ratos de todos os tipos: grandes e pequenos, pretos e brancos, velhos e jovens, fortes e fracos, da roça e da cidade.

Mas ninguém ligava para as diferenças, porque todos estavam irmanados em torno de um sonho comum: um queijo enorme, amarelo, cheiroso, bem pertinho dos seus narizes. Comer o queijo seria a suprema felicidade...

Bem pertinho é modo de dizer. Na verdade, o queijo estava imensamente longe porque entre ele e os ratos estava um gato... O gato era malvado, tinha dentes afiados e não dormia nunca. Por vezes fingia dormir. Mas bastava que um ratinho mais corajoso se aventurasse para fora do buraco para que o gato desse um pulo e, era uma vez um ratinho...

Os ratos odiavam o gato.

Quanto mais o odiavam mais irmãos se sentiam. O ódio a um inimigo comum os tornava cúmplices de um mesmo desejo: queriam que o gato morresse ou sonhavam com um cachorro...

Como nada pudessem fazer, reuniram-se para conversar. Faziam discursos, denunciavam o comportamento do gato (não se sabe bem para quem), e chegaram mesmo a escrever livros com a crítica filosófica dos gatos. Diziam que um dia chegaria em que os gatos seriam abolidos e todos seriam iguais. "Quando se estabelecer a ditadura dos ratos", diziam os camundongos, "então todos serão felizes"...

- O queijo é grande o bastante para todos, dizia um.

- Socializaremos o queijo, dizia outro.

Todos batiam palmas e cantavam as mesmas canções.

Era comovente ver tanta fraternidade. Como seria bonito quando o gato morresse! Sonhavam. Nos seus sonhos comiam o queijo. E quanto mais o comiam, mais ele crescia. Porque esta é uma das propriedades dos queijos sonhados: não diminuem: crescem sempre. E marchavam juntos, rabos entrelaçados, gritando: "o queijo, já!"...

Sem que ninguém pudesse explicar como, o fato é que, ao acordarem, numa bela manhã, o gato tinha sumido.

O queijo continuava lá, mais belo do que nunca. Bastaria dar uns poucos passos para fora do buraco.

Olharam cuidadosamente ao redor. Aquilo poderia ser um truque do gato. Mas não era. O gato havia desaparecido mesmo. Chegara o dia glorioso, e dos ratos surgiu um brado retumbante de alegria. Todos se lançaram ao queijo, irmanados numa fome comum.

E foi então que a transformação aconteceu. Bastou a primeira mordida. Compreenderam, repentinamente, que os queijos de verdade são diferentes dos queijos sonhados. Quando comidos, em vez de crescer, diminuem. Assim, quanto maior o número dos ratos a comer o queijo, menor o naco para cada um. Os ratos começaram a olhar uns para os outros como se fossem inimigos.

Olharam, cada um para a boca dos outros, para ver quanto queijo haviam comido. E os olhares se enfureceram. Arreganharam os dentes. Esqueceram-se do gato. Eram seus próprios inimigos.

A briga começou.

Os mais fortes expulsaram os mais fracos a dentadas.

E, ato contínuo, começaram a brigar entre si.

Alguns ameaçaram a chamar o gato, alegando que só assim se restabeleceria a ordem. O projeto de socialização do queijo foi aprovado nos seguintes termos:

"Qualquer pedaço de queijo poderá ser tomado dos seus proprietários para ser dado aos ratos magros, desde que este pedaço tenha sido abandonado pelo dono".

Mas como rato algum jamais abandonou um queijo, os ratos magros foram condenados a ficar esperando.

Os ratinhos magros, de dentro do buraco escuro, não podiam compreender o que havia acontecido. O mais inexplicável era a transformação que se operara no focinho dos ratos fortes, agora donos do queijo. Tinham todo o jeito do gato o olhar malvado, os dentes à mostra.

Os ratos magros nem mais conseguiam perceber a diferença entre o gato de antes e os ratos de agora. E compreenderam, então, que não havia diferença alguma. *Pois todo rato que fica dono do queijo vira gato.* Não é por acidente que os nomes são tão parecidos.

[RATO + QUEIJO = RATO]

Rubem Alves – escrito em dezembro de 2004.

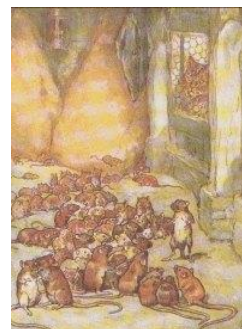
ATIVIDADES DE INTERPRETAÇÃO:

1. Na maioria das vezes, o fabulista usa animais como personagens de suas histórias e coloca-os em circunstâncias que lembram situações da vida humana, tornando-os uma espécie de símbolo. Por exemplo, a formiga representando o trabalho; o cordeiro, a inocência; o burro, a estupidez ou a paciência; o cachorro, a lealdade. Troque ideia com seus pais, irmãos ou responsáveis e responda:
 - a) Normalmente, que qualidades ou defeitos humanos o rato representa?
 - b) A atitude dos ratos, na fábula, revela esses atributos?
2. Os ratos, da história lida, encontram um obstáculo para atingir certo objetivo.
 - a) Qual era o objetivo dos ratos? Qual era o obstáculo?
 - b) A partir de certo momento, o obstáculo inicial deixa de existir. Que novo obstáculo surge?
3. As fábulas geralmente terminam com uma moral, isto é, uma frase que sintetiza as ideias principais do texto e transmite o ensinamento.
 - a) Que frase do texto desempenha esse papel?
 - b) Como essa moral pode ser aplicada à sociedade humana e moderna e, mais especificadamente, no âmbito da política?
 - c) Dê sua opinião: Você concorda com o ponto de vista do narrador expresso na moral? Por quê?
4. As fábulas costumam apresentar o tempo e lugar imprecisos. Há indicação de tempo e lugar em “Os ratos dos sonhos”?
5. Ainda que nos textos sempre predomine uma tipologia textual específica, os textos são compostos sempre por mais de uma tipologia textual. No caso da fábula, a tipologia narrativa, responsável por apresentar ações dentro de uma perspectiva temporal, é a predominante. A tipologia descritiva também se faz presente nas narrativas, geralmente, com a função de descrever personagens, tempo ou espaço. Considerando isso e o texto lido:
 - a) Transcreva uma passagem descritiva da fábula.
 - b) E, uma passagem narrativa.
6. Observe as formas verbais empregadas no texto:
 - a) O narrador é personagem ou observador?
 - b) Qual o tempo verbal é predominante?
7. Que tipo de linguagem foi empregada na fábula lida: uma variedade de acordo ou desacordo com a norma-padrão?
8. A que tipo de público a fábula se destina?
9. No passado, as fábulas eram transmitidas oralmente. Depois começaram a ser publicadas em livros. Na atualidade, em que suportes ou veículos elas podem ser divulgadas?

Leia, abaixo, a fábula de Esopo que inspirou a fábula lida e, a seguir, compare as duas versões.

A REUNIÃO GERAL DOS RATOS, por Esopo.

Uma vez os ratos, que viviam com medo de um gato, resolveram fazer uma reunião para encontrar um jeito de acabar com aquele eterno transtorno. Muitos planos foram discutidos e abandonados. No fim um rato jovem levantou-se e deu a ideia de pendurar uma sineta no pescoço do gato; assim, sempre que o gato chegasse perto eles ouviriam a sineta e poderiam fugir correndo. Todo mundo bateu palmas: o problema estava resolvido. Vendo aquilo, um rato velho que tinha ficado o tempo todo calado levantou-se de seu canto. O rato falou que o plano era muito inteligente, que com toda certeza as preocupações deles tinham chegado ao fim. Só faltava uma coisa: quem ia pendurar a sineta no pescoço do gato?



Moral: *Inventar é uma coisa, fazer é outra.*

1. O autor de "O sonho dos ratos" manteve as características principais da fábula?
2. Que aspectos de "O sonho dos ratos" constituem a renovação relativamente à fábula de Esopo?